

VOLANTE: A TRANSGRESSORA DE COELHO NETO

VOLANTE: COELHO NETO'S TRANSGRESSOR

Recebido: 28/10/2024 Aprovado: 02/02/2025 Publicado: 22/02/2025

DOI: 10.18817/rj.v8i3.4075

Daniel Lopes¹
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2790-1795>

RESUMO: Este artigo analisa a transgressão social na obra *Turbilhão*, de Coelho Neto. Tem como escopo a personagem Violante, moça pobre, que se torna uma cortesã de luxo, rompe com os códigos da sociedade na qual se encontra inserida e ascende de classe socioeconômica, sendo uma transgressora do ideal de mulher burguesa. Do ano de 1906, começo do século XX, o romance foi escrito e publicado no contexto da Belle Époque carioca (1889-1922), movimento cultural no Rio de Janeiro da primeira república, advindo da Europa, que, a partir da influência da cultura francesa e das experiências da modernidade, trouxe para o indivíduo novos modos de pensar e de agir na sociedade. As mulheres começavam a repensar suas condições sociais dentro do sistema patriarcal demarcado no Brasil. Apesar da Belle Époque ter sido um empreendimento cultural da classe burguesa e urbana da capital federal do país, esse movimento trouxe para a arte literária novas formas de configurar o indivíduo e as transformações por quais passava a sociedade. O enredo, o comportamento e as ações das personagens de *Turbilhão* refletem algumas dessas mudanças. Violante, qualificada como “voluntaria” e “revoltada”, tem livre-arbítrio e deseja liberdade. O que nos permite refletir sobre a mulher e o *status quo* da sociedade. O artigo é de cunho bibliográfico e crítico-analítico qualitativo, fundamenta-se nos estudos de Coutinho (1997), Freyre (1995), Bosi (2013), Beauvoir (1967), Foucault (1999), e outros.

Palavras-chave: Coelho Neto; *Turbilhão*; Violante; transgressão social; belle époque carioca.

ABSTRACT: This paper analyzes social transgression in Coelho Neto's novel *Turbilhão*. It focuses on the character Violante, a poverty-stricken girl who becomes a luxury courtesan; she disrupts the codes of the society in which she finds herself, and rises through the socio-economic ranks, transgressing the ideal of bourgeois womanhood. Set in 1906, at the beginning of the 20th century, this novel was written and published in the context of Rio de Janeiro's Belle Époque (1889-1922), a cultural movement that happened there during the First Republic. Coming from Europe, based on the influence of French culture and the experiences of modernity, this movement brought individuals new ways of thinking and acting in society. Women began to rethink their social conditions within Brazil's patriarchal system. Despite the fact that the Belle Époque was a cultural project of the bourgeois and urban class of Brazil's federal capital, this movement brought to literary art new ways of portraying the individual and the changes that society was experiencing. The storyline, behavior and actions of the characters in *Turbilhão* reflect some of these changes. Violante, described as a “willful” and “rebellious” woman, has free will and desires freedom. This enables us to reflect on women and society's *status quo*. This is a bibliographical and qualitative, critical-analytical study, based on works by Coutinho (1997), Freyre (1995), Bosi (2013), Beauvoir (1967), Foucault (1999), and others.

Keywords: Coelho Neto; *Turbilhão*; Violante; social transgression; Rio de Janeiro's belle époque.

1 Romancista da Belle Époque carioca: Coelho Neto e *Turbilhão*

¹ Possui Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e respectivas literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Campus Caxias (2018). Mestre em Letras - Teoria Literária - pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA Campus São Luís (2022). Tem experiência na área de Letras e atua como professor de Língua Portuguesa. E-mail: daniellopesuem@gmail.com.

Do ano de 1906, começo do século XX, *Turbilhão* é um romance escrito e publicado por Coelho Neto no contexto da Belle Époque carioca (1889-1922), movimento cultural, no Rio de Janeiro da primeira república do Brasil, advindo da Europa, que, a partir da influência da cultura francesa e das experiências da modernidade, trouxe para o indivíduo novos modos de pensar e de agir na sociedade, pois, àquela época, no Brasil, a contar do século XIX, a penetração das ideias “modernas”, sob a influência francesa, foi larga e profunda (Coutinho, 1997).

Em vista disso, os ideais seculares, libertinos e sediciosos, inerentes da *mania francesa* e dos movimentos da Revolução, do Iluminismo e da Encyclopédia, “traduzidos em doutrinas de libertação filosófica, de racionalismo, de materialismo, de emancipação política e social, no sentido nacionalista, abolicionista e republicano”, atuaram em todo o país (Coutinho, 1997, p. 14).

Através dessas ideais, três questões de cunho político, cultural e religioso agitaram o Brasil: “a questão servil, a questão religiosa e a questão militar”, que dão testemunho da “marcha das ideais de laicização, de materialismo, de racionalismo, de anticlericalismo, de naturalismo, que constituiriam o patrimônio intelectual da geração do materialismo” (Coutinho, 1997, p. 14).

Romancista da Belle Époque carioca, Coelho Neto, embora nascido em Caxias, estado do Maranhão, ao se deslocar, em tenra idade, para o Rio de Janeiro, viveu e experienciou essa vida social, política, cultural e literária, transcrevendo os problemas urbanos, materiais e sociomorais da sociedade em seus romances citadinos, a exemplo de *Turbilhão*, que tematiza a transgressão social no contexto da Belle Époque. Este artigo, portanto, tem como escopo a personagem Violante, moça pobre, que se torna uma cortesã de luxo, rompe com os códigos sociais e ascende de classe econômica, sendo uma transgressora do ideal de mulher burguesa.

Haja vista que Coelho Neto, ao enfatizar a desagregação familiar da pequena família carioca, suburbana, composta por Dona Júlia, Paulo e Violante, aponta, se não o fim, ao menos a diluição do sistema patriarcal brasileiro, que já se deixava corromper com a inversão de valores da classe burguesa e urbana em ascensão na sociedade do Rio de Janeiro. A partir da perspectiva do autor, podemos observar novos comportamentos do indivíduo na sociedade.

Sobre isso, para Mendes e Ignácio (2010, p. 14-15), as personagens de *Turbilhão* [...]

[...] plasmam, se não uma reabilitação, ao menos um novo olhar sobre o que é considerado como mundanismo e amoralismo numa sociedade que, embora cada vez mais afeita aos contornos de um *modus vivendi* cosmopolita, afinado com a modernidade, ainda se deixa marcar por estruturas arcaicas, típicas de uma civilização de molde e extração patriarcais e conservadores, controlado por uma oligarquia baseada na economia rural. Nesse sentido, as personagens do romance são modernas e individualistas, mas convivem numa sociedade que, mesmo em transformação, ainda é controlada por códigos de honra e de boa conduta – principalmente para as mulheres –, uma vez que toda sociedade de cunho patriarcal sempre cobra mais das mulheres do que dos homens. De um ou de outro modo, as personagens de *Turbilhão*, vivendo um verdadeiro turbilhão de transformações, são egocêntricas e fortes: ousam romper códigos, ousam ser o que realmente querem ser. E nisso também reside a grandiosidade desse romance.

Coelho Neto observa as relações sociomorais do seu tempo, traz novas características para o perfil social da mulher e faz uma crítica à sociedade que sofria profundas mudanças em sua estrutura. Esse contexto corresponde, ainda, à fase de desenvolvimento do projeto socio-político-cultural e burguês dos governos de Campos Sales, de Rodrigues Alves, e de Pereira Passos, prefeito do Rio de Janeiro. Momentos dessa historiografia brasileira se configuram, portanto, na ficção urbana do escritor carioca e contemporâneo da primeira república do Brasil.

Ao aderir às ideias humanistas, libertárias, antiescravistas, republicanas, patrióticas e educacionais, bem como a outros movimentos sociopolíticos, Coelho Neto formou a famosa geração Boêmia com Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Raul Pompeia, José do Patrocínio, Paula Ney e Muniz Barreto, conferindo às suas experiências a “condição de ser humano engajado na causa republicana e abolicionista, na imprensa carioca ou, até mesmo, como homem de letras que viveu no período compreendido pela *Belle Époque*” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 3).

Embora tivesse tomado partido pela propaganda republicana, revoltou-se contra a ordem do governo republicano, pois “o novo regime, criando possibilidades de vida regular para os que por ele haviam lutado, dera um sério golpe na boêmia” (Broca, 1991, p. 190). Após a derrocada da Monarquia e ascensão do Novo Regime, o cenário urbano carioca passaria por momentos decisivos e impasses na vida social, pois, a partir disso, “os elementos sociais, econômicos e políticos que constituíam o arcabouço da civilização brasileira, a própria estrutura da sociedade”, passaram a sofrer “franca e radical transformação” (Coutinho, 1997, p. 17).

Uma “sociedade agrária, latifundiária, escravocrata e aristocrática” saía de cena, dando espaço para uma “civilização burguesa e urbana” (Coutinho, 1997, p. 17).

É a fase industrial no Rio de Janeiro, de uma população urbana marginalizada, com pequenos proletários, uma revolução que acontecia nos campos econômico e político-social, bem como nos da psicologia e da antropologia sociais, quais sejam, “a conquista de cartas de branquitude pela população mestiça e a sua ascensão à participação ativa e larga na vida social, política e intelectual” (Coutinho, 1997, p. 17).

Com o processo de urbanização e modernização do Brasil, a capital federal, apesar de entrar na fase de grandes reformas e estabilidade política e econômica, vive as tensões sociais, os problemas urbanos e materiais. Somado a isso, novos pensamentos, atitudes, comportamentos, ideias e concepções sociomorais no campo político, religioso e sociocultural influenciavam o indivíduo da sociedade carioca da primeira república do país. A classe dominante e burguesa do Rio de Janeiro se solidifica, demarcando a sua ascensão na sociedade.

A partir desse cenário, Coelho Neto vai ler a vida doméstica e cotidiana carioca, fazendo dos seus romances citadinos um veículo de crítica e de reflexão sobre a vida do homem comum assoberbado em meio aos problemas urbanos, materiais e morais da sociedade. *Turbilhão*² é diversificado em extensão temática e rico em novidades de imagens atribuídas ao “realismo burguês” do autor (Bosi, 2013, p. 213), sendo a maior expressão literária de Coelho Neto. Essa obra reflete não só o ideal de um mundo burguês, mas também um cenário pobre e suburbano do Rio de Janeiro de inícios do século XX. Apesar de afinada com a modernidade, a sociedade aparece demarcada pelo sistema e a estratificação do tipo arcaico, patriarcal e tradicional.

2 Violante: a transgressora “voluntaria” e “revoltada” de Coelho Neto

Em *Turbilhão*, Paulo é órfão de pai (um ex-militar condecorado por feitos no Paraguai), estuda medicina e, para sustentar a casa e cuidar dos seus, a mãe enferma, Dona Júlia, e a irmã, Violante, trabalha³ na revisão do jornal *Equador* e dá aula particulares para ganhar um soldo a mais.

² O título da obra faz alusão às transformações de ordem estrutural (geográfico e espacial-urbano), populacional e comportamental do sujeito carioca: a “verdade é que Coelho Neto, nesse romance, alude ficcionalmente às mudanças que se verificavam no modo de vida da população do Rio de Janeiro” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 4).

³ A relação do homem com o trabalho aparece de modo peculiar em *Turbilhão*, o que confere uma das originalidades da obra. Diferente de outros heróis da narrativa brasileira antes apresentados, Paulo não é burguês, não é sustentado pelos pais, nem tem herança familiar a receber. Era comum os filhos de burgueses irem para a Europa, Portugal, estudar medicina ou jurisprudência, formarem-se e regressarem ao Brasil para cuidar dos negócios da família ou exercerem a profissão de formação. O

Devota ao catolicismo, Dona Júlia tem concepções morais rigorosas e vive com acharques e doenças. Com a ajuda da criada Felícia, cuida dos afazeres domésticos e regula as despesas da família, auxiliando Paulo. Violante, que não tem nenhum interesse ou vocação pelas prendas domésticas, é uma moça pobre que deseja liberdade e ascensão de classe social.

Com perfeitos recortes no tempo, o passado e o presente nos é referido por diferentes recursos narrativos, seja de forma introspectiva: nas lembranças, no comportamento e na ação das personagens; seja pelos espaços institucionais em que as figuras se movem e estabelecem suas inter-relações sociais: o jornal, o centro espírita, o restaurante, o cassino, o teatro, o palacete luxuoso, etc.; ou seja, ainda, pelos personagens anônimos e secundários de *Turbilhão*.

Destes, é elucidativo o “seu Fábio”, padrinho de Violante, crítico e severo no uso das palavras, um tipo representante dos “patriarcas bíblicos” (Neto, 1964, p. 89). Conservador e moralista, é pai da “inocente e triste Cristina, sempre chorosa e pressaga, com ideias de convento e de morte” (Neto, 1964, p. 97). O clima no ambiente da pequena família é o mesmo.

Ainda que descrita como linda, vaidosa e com mania de luxo, Violante é uma jovem de 18 anos ressentida de tristeza. Às escondidas do irmão, gostava de flertar com os rapazes, “passava os dias na cadeira de balanço, a ler romances e, à tarde, encharcada de essências, com muito pó-de-arroz, debruçava-se à janela, para ver os trens e receber bilhetinhos que os rapazes metiam por entre as rejas da persiana” (Neto, 1964, p. 17). Criada aos joelhos do pai, que a tratava como “princesa” e lhe anunciava “sempre um noivo rico, que a havia de cobrir de sedas e carregá-la de joias” (Neto, 1964, p. 18), foi habituando “o espírito com essas ideias de nobreza e fausto, de sorte que, quando lhe morreu o pai, já mocinha, sentiu-se como deserdada” (Neto, 1964, p. 18). Para Violante, foi como se ela tivesse “perdido uma fortuna que possuía e um noivo que já a visitava em sonhos, formoso como os príncipes dos romances que ela devorava, revendo-se com enlevo, em todas as heroínas” (Neto, 1964, p. 18). Qualificada como “voluntariosa” (Neto, 1964, p. 18), a anti-heroína passou a fazer, desde então, as suas próprias vontades. Embora pareça idílica e ingênua nas

herói coelhonetiano, por sua vez, é de classe baixa, ao passo que estuda medicina, tem que trabalhar arduamente na revisão do jornal, além de lecionar aulas particulares, para sustentar a pequena família. Esse estilo de vida, que liga o indivíduo ao trabalho, aos estudos e ao sustento pessoal e familiar, só apareceria no Brasil em meados do século XX, sendo mais frequente no século XXI, o que faz a narrativa estar à frente do seu tempo, anunciando um futuro que ainda estaria por vir.

primeiras páginas de *Turbilhão*, pois sonha com uma vida afortunada e um noivo rico, a jovem mostra-se ambiciosa, esperta, prática e racional.

Esse comportamento gera os conflitos com o patriarca da família, já que Paulo, em princípio, tem modo de pensar e de agir distinto: ele é dominador, áspero e verdugo; Violante deseja liberdade e ascensão socioeconômica, mas sem as regras do casamento e da constituição familiar. Com esses desgostos, Paulo domina, censura e castiga a irmã no ambiente doméstico:

Paulo dominava-a com aspereza, exprobrando-lhe a vida desmazelada e, quando a velha, na intimidade, referia-lhe algum pequenino escândalo de Violante, rompia, assomado, ameaçando pregar a janela, atirar ao lixo todas aquelas caixas, todos aqueles vidros que entulhavam o toucador. Mas a irmã tinha crises – rolava pela casa, aos gritos, rangendo os dentes, rasgando a roupa, escabujando. E a boa velha, lamentando-se, corria os cantos, procurando remédios e, de joelhos, com a cabeça da filha ao colo, beijando-a, chamava-a, pedindo ao outro que a não tratasse com tanta aspereza, que tivesse pena dela, e instava para que, com afagos, procurasse chamá-la à razão. Ele obedecia contrariado. E Violante, amuada e mais linda depois da excitação nervosa, com os olhos mais brilhantes e a cor das faces mais viva, ia trancar-se no quarto, resmungando ameaças (Neto, 1964, p. 17-18).

Ante essas coerções sofridas, Violante foge de casa com um rapaz rico e anônimo, Paulo fica chocado e enraivecido. Para os padrões sociomorais da época, caso a moça fosse desvirginada, isso era sinônimo de desonra moral e o fim da reputação de uma mulher. Sem a reparação por meio do casamento, esse fato colocaria a fugitiva na condição de uma prostituta.

Ao alegar vergonha moral, Paulo abandona a faculdade, retira-se do trabalho e vai morar com Dona Júlia e Felícia em outro bairro do Rio de Janeiro, no Cais da Glória. Mas o que faz ele sair do trabalho é a rotina estafante e as baixas condições de pagamento do emprego, não é apenas a escapadela moral, é a desilusão com as condições econômicas e as poucas possibilidades de ascensão de classe. Em meio aos fatos, a família entra em crise financeira. Nessas circunstâncias, Paulo se entrega aos vícios e riscos nos jogos de cassino, conhece e se envolve, sexualmente, com Ritinha – fase em que o herói decai para uma vida vil e mundana⁴.

Dona Júlia se encontra mais angustiada e debilitada da saúde. Penhora algumas joias da família (de mais valor afetivo do que material) para suprir as

⁴ Paulo é a representação do herói mundano e decadente. De homem sublime, ele, no curso da narrativa, se torna um sujeito vil e nivelado às coisas, ao *capital* e aos bens materiais, decai moralmente para, só depois, no fim da narrativa, retomar sua consciência crítica. Neste artigo, não focaremos em sua transgressão social.

necessidades e evitar os desafetos do cobrador de aluguel. A criada Felícia, cujo filho morrera na Revolta da Vacina (1904), enlouquece⁵ e, depois, é expulsa de casa por Paulo. Ao mentir para Dona Júlia, Paulo coloca Ritinha no lugar da criada para cuidar do lar e da mãe enferma. Ritinha e Paulo, agora amantes, traem a confiança do amigo da família, o negro Mamede, um malandro e charlatão, que apresenta pista falsas sobre o sumiço de Violante apenas para extorquir mais dinheiro de Paulo. Ritinha troca Mamede por aquele apenas porque o julga melhor, já que Paulo lhe promete vida afortunada e casamento. Assim, o novo ideal de Paulo é acumular o *capital* das apostas feitas para ascender de classe e penetrar na alta sociedade carioca, grande ilusão diga-se de passagem.

Coelho Neto, com as experiências da *Belle Époque* carioca, aponta alguns impasses e tensões sociais por quais os habitantes do Rio de Janeiro passaram nesse período histórico: as cenas e as imagens urbanas, os tipos sociais anônimos, os personagens, os ambientes e os espaços da narrativa servem como documento historiográfico e veículo de crítica a essa sociedade.

À época, o Brasil “entrava numa fase de relativa calma e prosperidade” (Broca, 1956, p. 13). Campos Sales havia sido o responsável por sanar as finanças do país, o que tornou possível as realizações do governo de Rodrigues Alves. No que toca à saúde e ao espaço urbano carioca, “Osvaldo Cruz inicia a campanha pela extinção da febre amarela e o prefeito Pereira Passos vai tornar-se Barão Haussmann do Rio de Janeiro, modernizando a velha cidade colonial de ruas estreitas e tortuosas” (Broca, 1956, p. 13). Mas esse empreendimento progressista apenas deu ao Rio de Janeiro um modo de vida parisiense, um espelho que refletia a infraestrutura das cidades europeias. Nesse sentido, ainda conforme Broca (1956, p. 13):

Foi o período do “Bota abaixo”. O alvião da Prefeitura caiu implacável sobre dezenas, centenas de prédios. A 7 de setembro de 1904, o Presidente da República e outras autoridades, num bonde sobre trilhos improvisados, já podiam percorrer a Avenida Central de ponta a ponta. O plano de urbanização prosseguia triunfante, desconcertando os céticos, os pessimistas que tinham julgado impossível o êxito da empresa. E a transformação da paisagem urbana se ia refletindo na paisagem social e igualmente no quadro de nossa vida literária.

⁵ A depreender das camadas da narrativa, a loucura da criada é atribuída aos rituais espíritas que ela frequenta, não à morte do filho, o que nos remonta ao preconceito religioso da sociedade da época.

Com a política e a economia do Brasil mais estáveis, a “elite brasileira moderna das principais cidades realmente começou a se formar. É um período marcado pelo recorrente esforço dessas elites de se modernizarem perante o mundo e com inspirações principalmente francesas” (Lima, 2017, p. 5). Nesta fase da Belle Époque carioca, cassinos, teatros, clubes e jóquei estavam entre os ambientes de prestígio, “frequentar” indicaria a identidade e o lugar de cada um, modos de ação copiados da mesa francesa ou inglesa, distribuições desenfreadas de cartões de visita, uso de expressão de tratamento extremamente formais, adequação da indumentária a visitas de “certas categorias”, etc. (Needell, 1993 *apud* Maydana, 2010).

Sob a ordem da elite carioca, o Rio de Janeiro se transformava, higienizava-se, embelezava-se e civilizava-se, pois a mais recente capital federal da república do Brasil “foi uma das cidades latino-americanas onde a elite dirigente melhor incorporou a urbanização como uma necessidade urgente de uma sociedade que precisava *civilizar-se*” (Souza, 2008, p. 69-70). As reformas do espaço urbano, no Rio de Janeiro, “em poucos anos redefiniram funções para as áreas centrais da cidade”, criando “condições para um novo ordenamento espacial com o surgimento de novas zonas de elite na parte sul da cidade” (Souza, 2008, p. 69-70).

Esse empreendimento progressista, entretanto, delineava os contrastes entre a classe burguesa e a classe pobre carioca. Esta, vivia precárias condições e poucas possibilidades de ascensão econômica. O que revela as tensões sociais do ideal de cultura e de civilização que vislumbrava um mundo desejável, mas inatingível para alguns, ou seja, implementar “um modelo de civilização moderna” significava tropeçar “na carência de correspondência com uma identidade existente, em que a nova visão de mundo tentava dar vida a um mundo desejável, porém fora do alcance de boa parte da população brasileira” (Souza, 2008, p. 69).

A bem da verdade é que *Turbilhão*, de Coelho Neto, remete-nos a uma realidade de baixas condições econômicas e de poucas possibilidades de ascensão social, em que, salvaguardadas algumas exceções, apenas por ações e meios considerados escusos ou *imorais* era que o indivíduo conseguia mudar de vida e ascender, economicamente e socialmente, de classe. É o caso de Violante, que enriquece às custas da prostituição de luxo.

Após uma temporada em Bueno Aires, na Argentina, a anti-heroína regressa ao Rio de Janeiro. Paulo reencontra a irmã no Teatro Recreio: “Era ela, Violante, mais desenvolta, mais forte, em pleno viço, *sem a suavidade da graça virginal*, mas com o

encanto das linhas acentuadas da mulher que *desabrochara para o amor*" (Neto, 1964, p. 219, *italico nosso*). Dela, o *corpo* muda e as expressões que lhe caracterizam indicam a transgressão social do sexo.

Sobre isso, Freyre (1995) discute as bases que sustentavam a estrutura social brasileira: a família e o casamento. Sendo destinado às mulheres, o casamento preservava a virgindade e a qualidade moral das moças. Já as mulheres casadas eram mantidas sob a dominação do marido, tinham que ser fiel ao esposo, caso desobedecessem a essas regras, sofreriam graves sanções. Violante infringe os códigos e se diferencia das outras mulheres pelo fato de não ser mais virgem, já que o arquétipo feminino aceito pelos padrões sociomorais, para casar e constituir família, era a mulher pura e virtuosa, cuja virgindade era preservada até o casamento.

Ainda de acordo com Freyre (1995, p. 74), "o ideal de família na época presumia um lar patriarcal, extenso e fundado no casamento estabelecido legalmente". Desse modo, a família e o casamento eram vistos como alicerces do edifício social, instituições mantidas pela lei civil e canônica. Conforme a educação patriarcal, o "casamento preservava não só a propriedade, mas também a virtude. A virgindade da mulher também implicava uma qualificação moral para o casamento. As mulheres casadas permaneciam sob a autoridade do seu marido" (Freyre, 1995, p. 74).

A pureza feminina tinha, portanto, muito valor, e os homens só se casavam com mulheres virgens. O intercurso sexual fora da relação legítima desonrava a mulher, que passava a ser malvista aos olhos de todos e, até mesmo, da religião (Beauvoir, 1967). O ato sexual só era permitido, portanto, após o casamento. Essa ordem, de concepções morais burguesas, esconde um tabu em torno do sexo, uma vez que aquela classe só valida o sexo consumado pelo casal procriador, em acordo com os códigos sociomorais. O sexo, desse modo, era reconhecido apenas no ambiente apropriado, "mais utilitário e fecundo: o quarto dos pais" (Foucault, 1999, p. 10).

Em seu regresso, Violante está "mais bela e mais forte, sem mácula do vício, triunfante, gloriosa na miséria infame" (Neto, 1964, p. 222). Ao falar com ela no Teatro, Paulo se sente envergonhado, humilhado e receoso de escândalos. Entretanto, outra visão ele passa a ter dela.

Vendo-a coberta de luxo, na companhia de outra senhora, Paulo se irrita e quase agride verbalmente Violante, ultrajando-a de vagabunda. Esse ímpeto, entretanto, "cede espaço ao encantamento que a visão da irmã, antes humilde, e

trajada com simplicidade e, agora, vestida de luxo e faiscante de joias e pedras preciosas, lhe desperta" (Mendes; Ignácio, 2010, p. 5).

O seu nome de cortesã é Diana, reside em Botafogo, bairro burguês da zona sul carioca. Paulo, no dia seguinte, conhece a residência de Violante, onde ela vive na companhia de uma criada, mantida por um anônimo e rico senhor, numa relação não conjugal, vida incomum, à época, pois Violante trabalha⁶ como prostituta e ascendeu de classe social com esses serviços.

Paulo, diante da irmã, transforma sua raiva em orgulho, respeito e cobiça, deixando de julgar as ações de Violante como impensadas. A jovem "passa a representar o modelo de audácia e coragem de que ele mesmo se julgava incapaz. Além do que, algum dos figurões com quem ela mantinha contato poderia arranjar-lhe alguma colocação" (Mendes; Ignácio, 2010, p. 14). Os sentimentos de Paulo mudam em relação à Violante e aos seus bens materiais.

A rica casa é um palacete luxuoso que indica não só o mais novo estilo de vida da anti-heroína, a prostituição de luxo, mas também sugere um ambiente descrito, de forma implícita, como um prostíbulo, embora resida nele apenas uma mulher vulgarizada de vagabunda pela sociedade:

A casa, de aspecto nobre, com todas as janelas fechadas, ficava ao fundo de um jardim sombrio, de *sinuosos caminhos* areados de saibro escuro. [...] [...]. O silêncio era absoluto como se tudo dormisse naquela casa. A criada reapareceu em passos surdos, como uma sombra.

- Pode subir. A senhora espera-o lá em cima.

[...] Dirigiu-se para o suuntuoso salão atapetado.

O lustre cintilava a um raio de sol. O mobiliário era rico, adaptado à volúpia – moles divãs orientais sobre pelegos que formavam macia alfombra, de cores quentes; grandes almofadões de seda com borlas, fundas poltronas. Os consolos altos, esguios, com espelhos finos, eram todos dourados e rebrilhavam.

Cortinas escuras temperavam a luz, quebrando a violência do sol que entrava por quatro janelas abertas sobre balcões. Na mesa do centro, incrustada de marfim, dentro duma linda jarra de porcelana, morriam rosas. *Aroma tépido e voluptuoso impregnava o recinto. Os rumores da rua chegavam abafados, ensurdecidos, como se viessem de muito longe* (Neto, 1964, p. 229-30-31, itálico nosso).

A expressividade e impressividade da descrição, as cenas e as imagens do ambiente nos revelam não só um prostíbulo, adaptado aos prazeres sexuais, mas

⁶ O trabalho é outra transgressão social feita pela personagem em análise. Haja vista que a prostituição é considerada um dos trabalhos mais antigos do mundo, mesmo que certas divergências de opiniões entre historiadores, sociólogos ou, até mesmo, entre os discursos feministas de variadas vertentes sejam levados em consideração.

também as existências outras da prática do sexo na sociedade, fora do casamento e do espaço familiar. O que nos faz presumir que o sexo, apesar de existir em ambientes outros, considerados *escusos* ou *imorais*, era ocultado ou silenciado. Sobre isso, Foucault (1999, p. 10) diz que as “palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo teria direito a algumas formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados”. Em lugares externos a esses, ainda conforme Foucault (1999, p. 10), “o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo”.

Coelho Neto transcreve os códigos morais da sociedade. O escritor aponta que o sexo não legitimado existia, mas era encoberto por condutas ou discursos pré-estabelecidos para o comportamento do indivíduo. Nesse caso, principalmente, para o comportamento das mulheres.

Sobre as escolhas feitas, Violante responde ao questionamento de Paulo do seguinte modo:

– E tu não estás arrependida, Violante? – Eu? – Acenou com a cabeça negativamente. – Arrependida, por quê? Esta vida tem os seus aborrecimentos, tem; mas a gente não é obrigada a aturar um homem de que não gosta. Serve? Muito bem; não serve? Adeusinho. Sempre é outra coisa. Não nasci para casamento... – e fez um momo de enjoo (Neto, 1964, p. 232).

Ao ter saído do ambiente doméstico por se sentir dominada, violentada e censurada, Violante, com o sujeito que fugira, vive a experiência da vida doméstica, dizendo a Paulo que o moço “era bonito, rico” e adorava-lhe, mas não o quis: “Não imaginas – uma fúria de ciúme. Eu não tinha licença de abrir uma janela. Sofri horrores!” (Neto, 1964, p. 232). Violante poderia ter se casado, entretanto, dado os ciúmes do rapaz, vê-se em um ambiente análogo ao lar onde fora criada, aprisionada e infeliz, preferindo se libertar, ainda que na condição de prostituta.

“Hoje vivo tranquila, nada me falta e tenho o melhor que é a minha liberdade. Vou aonde quero, faço o que me dá na cabeça” (Neto, 1964, p. 232). Apesar dos infortúnios na vida de cortesã, afirma não se arrepender das escolhas feitas, uma vez que não é obrigada a servir um homem de que não gosta, já que não nasceu para o casamento. Ao ter conquistado a sua liberdade, pouco se preocupa com os julgamentos da sociedade, desprezando-a, pois, segundo Violante, embora os homens pareçam honestos, muitos não passam de hipócritas e mesquinhos: “ – Não

me importo com o mundo. Sei que falam, que não me poupam: que sou isto e aquilo, mas se eu fosse pedir aos tais um pedaço de pão viravam-me as costas" (Neto, 1964, p. 233).

Quanto aos homens, "Deus me livre!", só parecem ser todos muito honestos, "mas por trás da cortina vão fazendo das suas" (Neto, 1964, p. 233). Em seguida, ela reitera o seu discurso a Paulo: "Eu não os incomodo nem os envergonho – quando passo por eles finjo não os ver. Não nasci para mãe de família, essa coisa com que os chamados homens de bem enchem a boca. Cada qual para o que nasceu. Nem todas as mulheres têm vocação para freira" (Neto, 1964, p. 233).

Ainda sobre a família e o casamento, Beauvoir (1967, p. 67) diz que o casamento "não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e realizar-se sexualmente como amante e mãe". Sendo um dos projetos essenciais que a mulher pode empreender, é o meio que ela encontra para se "libertar" da dominação paterna e do lar materno, entregando-se ao seu novo senhor (Beauvoir, 1967). Desse modo, a única função da mulher é procriar, manter a hereditariedade e zelar pela vida da família. Sendo figurante na sociedade, não tinha função social prática e mais importante.

Criadas e educadas para casar, elas serviam e geravam filhos, um papel quase predeterminado para as mulheres. Desses espaços de somenos importância, a mulher desempenhava, desse modo, apenas os trabalhos domésticos: ser mãe e esposa para o bem da família e da sociedade. Essa era uma escassa "instrução educacional apurada pelo patriarcalismo", que limitava a mulher a ser "boa filha "e, depois, "boa esposa" (Lima; Santos, 2012, p. 3).

Em sua transgressão social, Violante subverte essa ordem sociomoral da sociedade: " – Eu podia fazer o que fazem muitas – casar e depois andar por aí arrastando no lodo o nome do meu marido. Preferi sacrificar-me sozinha – em vez de duas desonras há apenas a minha. Sou uma perdida, as outras são virtuosas senhoras" (Neto, 1964, p. 233). Faz-nos deduzir, logo em seguida, ao dizer a Paulo, que o casamento é, por vezes, uma mera conveniência, não só um empreendimento de interesse econômico, mas também uma forma de comprar moral, respeito e honra:

Que lhes saiba. A Lola, que é hoje madame não sei quê, levou toda a vida a ajuntar dinheiro para comprar virtude e consideração para a velhice. Até arranjou uma filhinha. Eu já a conheci casada, mas em Buenos Aires

contaram-me toda a história. Se eu tiver tempo e paciência farei o mesmo. – Riu (Neto, 1964, p. 233).

Violante vê, pois, a vida das outras um sofrimento: as viúvas, com inúmeros filhos; as casadas, sofrendo nas mãos dos maridos. Diz a Paulo que o *homem* é um *amante-escravo*, já o *marido* é sempre um *senhor*. A personagem, desse modo, inverte os papéis sociais e escapa ao estereótipo do ideal de mulher burguesa, que vinha se configurando desde o século XIX, com o romantismo e, até mesmo, com o realismo-naturalismo:

– Pois é assim. Não estou arrependida. Tudo me tem corrido bem. As vezes tenho saudade, não da vida que levava: de ti, de mamãe, mas procuro distrair-me, disfarço e as horas levam os pensamentos tristes. A vida é muito curta – quem mais vive é quem mais goza, não achas? Falam no futuro, no dia d'amanhã. Eu vejo as outras, coitadas! umas, viúvas, cheias de filhos; outras, sofrendo horrores com os maridos. O amante é *um escravo*, o marido é *um senhor*. É como dizia uma argentina que conheci: “Os homens são encantadores, o homem é insuportável.” Ter de aturar um sujeito toda a vida é o mesmo que não ter senão um vestido que vai envelhecendo e ao qual é necessário a gente ir pondo e sobrepondo enfeites para esconder as manchas e os remendos. Não me serve (Neto, 1964, p. 233-234, *italico nosso*).

Sobre isso, na sociedade daquele período, cabia à mulher a função de organizar e cuidar, integralmente, da família e dos filhos. Quanto ao marido, subordinava-se a este, atendendo-lhe aos seus prazeres. Sendo o chefe da família, o homem tinha autoridade e responsabilidade sobre os demais membros, saía para trabalhar e sustentava a casa. “Não só privilégios, o chefe também possuía inúmeros deveres na posição de dominador. Ele deveria zelar pela boa fama da sua família” (Freyre, 1995, p. 76). Ao assumirem as funções de chefes indispensáveis da família, o marido e pai, “o cabeça do casal, deviam administrar a propriedade da família, tinha o direito de castigar entre outras obrigações. E, além disso, não poderia recusar o exercício dos poderes que o costume e a lei lhe haviam conferido” (Freyre, 1995, p. 76). No criativo Brasil patriarcalista, a mulher foi vítima do domínio e da vontade quase absoluta do sexo masculino. Sobre ela, a posição dominadora do pai; em seguida, a do esposo; e, posteriormente, a dos filhos (Freyre, 1995). Se a mulher violasse o *status quo* social vigente, ela sofreria graves sanções.

A prostituta de Coelho Neto rompe com esse estereótipo feminino da burguesia em ascensão, que colocava a mulher em condições servis e de passividade, subordinando-se ao sexo masculino. Verifica-se em *Turbilhão*, portanto, um discurso

em torno da família e do casamento, bem como do corpo, do gênero, do sexo feminino e da classe social. A anti-heroína, nas camadas da narrativa, passa a imagem de mulher fria, racional, astuciosa, calculista, dominadora e independente. Embora pareça inferior ao patriarca, a mulher, em inícios do século XX, na capital federal do Brasil, e vivendo as experiências da Belle Époque carioca, não queria mais ser dominada pelo sexo masculino no ambiente familiar ou no meio social.

Embora Violante apareça descrita como uma moça sonhadora e ingênua, configurada, em princípio, como outras personagens que estávamos habituados a ver em nossa literatura, que foge de casa com um sedutor, perde a honra e o respeito por ser desvirginada e, depois, é renegada moralmente pela sociedade, dando-se mal no fim da narrativa, ela surpreende o leitor com suas ações. O que torna os seus feitos heroicos. Violante “não fugira por amor, mas por um desejo de ascensão socioeconômica e por uma sede de liberdade, de ser dona de seu destino, mesmo que a contrapartida disso fosse a perda de sua suposta honra” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 14).

Ao entrar na luxuosa casa de Violante, Paulo parecia estar ainda assustado, desconfiado ou ofendido moralmente. Talvez, receoso e com os sentimentos dúbios em relação à irmã: – Ódio? Empatia? Felicidade? Curiosidade pelo seu novo estilo de vida? Admiração com o que vira, já quero fora comprado pelo dinheiro e pelas conquistas materiais dela? O fato é que Paulo já não era mais o mesmo, algo o modificara, “implicitamente, pode-se notar que uma admiração pela audácia e coragem da irmã brota em seu peito” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 5-6), pois Violante “teve a coragem de romper os laços com uma sociedade que, embora muitas vezes hipócrita e que se deixa pautar sob a égide de relações superficiais, pré-estabelecia o comportamento dos indivíduos cujo comportamento era considerado correto, íntegro, direito” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 5-6). Desse modo, Paulo chega à seguinte conclusão sobre a irmã:

Paulo pensou em Violante com simpatia. Afinal, que podia ela esperar? Pobre, casando não passaria da vida insípida que levam todas as mulheres, na monotonia enfadonha dos afazeres domésticos, mal amanhada, envelhecendo, mortificando-se no trabalho insano, arrastando a fecundidade penosa, sempre rodeada de filhos, talvez brutalizada pelo marido, sofrendo privações entre as quatro paredes duma casa.

Assim, não – era livre, tinha todo o gozo, podia saciar-se à larga, sem preocupar-se com a sociedade com a qual rompera abertamente.

Era uma revoltada. Tinha, para impor-se, a mocidade e a beleza – que importava o resto? A sociedade só despreza a miséria – as desonras que

vexam são a fome, a nudez e as moléstias; o dinheiro tem sempre o seu prestígio, ninguém lhe pede a origem ... e ela nadava em ouro (Neto, 1964, p. 228, *italico nosso*).

Coelho Neto, em *Turbilhão*, alude, ficcionalmente, não só a uma realidade miserável, de baixas condições econômicas, mas também a um mundo burguês, em que os valores e as relações sociais e morais são superficiais. Para essa fração da sociedade, o que vale são as relações aparentes e por interesse: o dinheiro, o nome, a colocação e a posição econômica do indivíduo.

As ações de Violante se justificam não só pela busca de liberdade, mas indicam também o padrão de vida que a sociedade (ou parte dela) idealizava para si: o *capital*, o luxo, o requinte, o conforto, a elegância e os ambientes privilegiados frequentados pela elite urbano-burguesa carioca. A personagem, por esse ângulo, funciona como veículo de crítica àquela sociedade.

Em *Turbilhão*, como observam Mendes e Ignácio (2010), as vidas das personagens não percorrem “caminhos rígidos ou atitudes previsíveis. Ao contrário: o que ditam os novos rumos dos destinos humanos são, cada vez mais, a força de vontade e a influência do capital” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 8). Assim, o modo individualista em que as personagens centrais agem, quase sempre em favor delas mesmas, não é gratuito: Ritinha troca Mamede por outro que ela julga ser melhor; “Violante rompe com os padrões sociais e morais em nome do dinheiro, prostituindo-se e acumulando capital enquanto é nova e bonita; Paulo trai a confiança do amigo Mamede tomando-lhe a mulher, Ritinha, e assim por diante” (Mendes; Ignácio, 2010, p. 13).

A morte de Dona Júlia, no fim da narrativa, pode ser entendida como uma sanção moral da sociedade às ações transgressoras dos filhos. De concepção moral católica e sentindo-se humilhada, ela não comprehende muito bem o novo *modus vivendi* de Paulo e Violante, vindo a falecer de ataque cardíaco, logo que descobre o caso sexual do filho com Ritinha no ambiente doméstico, justamente três dias depois de ter reencontrado e perdoado a filha prostituída.

Violante, de forma indireta, recebe uma pena da sociedade por violar as normas dos códigos sociais, isto é, por seus atos transgressores de ambição e de luxúria, ainda que fossem artifícios pela busca de sua liberdade. O que faz da personagem de Coelho Neto uma guardiã das opressões pelas quais passam os indivíduos negados, oprimidos e excluídos da sociedade.

Interessante ver, nesse sentido, a distinção entre a condição das mulheres prostitutas e a condição das mulheres aceitas pelos ditames sociais. A mulher legítima, enquanto mulher casada, é oprimida e “respeitada como pessoa humana; esse respeito começa a pôr seriamente em xeque a opressão. Ao passo que a prostituta não tem os direitos de uma pessoa; nela resumem, ao mesmo tempo, todas as figuras da escravidão feminina” (Beauvoir, 1967, p. 324).

As características analisadas tornam, portanto, o arquétipo Violante distinto dos perfis sociais e dos comportamentos das outras mulheres da sociedade. Não escapam aos olhos do leitor a intenção de, a partir da representação artístico-literária, conceder à mulher mais liberdade de escolha e de pensamento no meio sociopolítico e cultural em que vive, tendo livre-arbítrio para ditar os rumos de sua vida: viver fora da rotina do casamento ou da vida religiosa.

3 Considerações finais

Coelho Neto nos faz ter outra visão acerca do perfil social e do comportamento da mulher na sociedade. Criando o tipo feminino Violante, o romancista faz uma crítica aos valores e aos padrões sociomorais da sociedade. Assim, *Tubilhão* desmistifica a bondade e o ideal de família criado pela burguesia em ascensão. Se a obra não aponta o fim, ao menos dilui o sistema patriarcal brasileiro, comum na sociedade do Segundo Império e da primeira república do Brasil. Ainda que a Belle Époque do Rio de Janeiro tenha sido um empreendimento da classe urbano-burguesa, esse movimento sociopolítico e cultural trouxe para a arte literária novas formas de configurar o indivíduo e as transformações por quais passava a sociedade carioca.

As personagens de Coelho Neto estão em desacordo com os ditames sociais vigentes, o que torna os conflitos heroicos e desmistifica o conservadorismo, o tradicionalismo e os bons costumes da sociedade finissecular e de princípios do século XX. Ao romper com os padrões sociais, Violante escolhe um estilo de vida oposto ao que outras mulheres davam para as suas vidas, quebrando o estereótipo ideal de mulher burguesa, que impunha certas normas para o comportamento das mulheres, preparando-as para o casamento e a constituição familiar, mesmo quando certas mulheres, por vezes, não queriam esses destinos para as suas vidas.

Violante, por esse ângulo, é um arquétipo distinto dos tipos românticos e realista-naturalistas da literatura brasileira anterior ao século XX. Diferente das personagens transgressoras Lucíola, Aurélia, Marcela e Helena, por exemplo, ela não se subjuga ao amor de um homem para ser feliz, nem morre para se purificar. A imagem da prostituta nela configurada faz denúncia social às condições pelas quais passam as mulheres oprimidas, negadas e excluídas da sociedade, sejam as do passado ou as do presente, que desejam se libertar dos códigos sociais.

Referências

- BEAUVIOR, Simone. **O Segundo Sexo:** a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. 2^a ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2013.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956.
- BROCA, Brito. **Naturalistas, parnasianos e decadistas:** vida literária do realismo ao pré-modernismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil.** 4^a ed. São Paulo: Global, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – a vontade de saber.** 13^a. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 30^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- IGNÁCIO, Ewerton de Freitas; MENDES, Rafael Ferreira Campos. Entre dois *modus vivendi*: arcaísmo e modernidade em *Turbilhão*, de Coelho Neto. VIII Seminário de Iniciação Científica da UEG. In: **Anais VIII Seminário de Iniciação Científica da UEG**, Anápolis, GO, 2010. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12618312/entre-dois-modus-vivendi-arcaismo-e-modernidade-em-prp-ueg>. Acesso em 13 de mar. 2023.
- LIMA, Danilo Mota; SANTOS, Irenilson Patrício. Transgressão e Passividade: um autor e duas mulheres. **Anagrama**, São Paulo, SP, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2012. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2012.46364. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/46364>. Acesso em 13 set. 2022.

LIMA, Natália. A Belle Époque e seus reflexos no Brasil. XI Semana de História. In: **Anais da XI Semana de História, UFES**. Vitória, ES. p. 1-12. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/article/view/23114>. Acesso em 30 de març. 2023.

MAYDANA, Claudia Jane Duarte. **Decifrando os enigmas da modernidade em esfinge, de Coelho Neto**. Orientadora: Claudia Luiza Caimi. 136 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande. 2010.

NETO, Coelho. **Turbilhão**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.

SOUZA, Fernanda Gralha de. **A Belle Époque carioca: imagens da modernidade na obra de Augusto Malta (1900-1920)**. Orientadora: Sônia Cristina da Fonseca Machado Lino. 162 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2008.